

CULTURA ESCOLAR II: *culturas escolares*

Gustavo Hatagima
Henrique Ferreira Pacini
Luisa Jorge Tasima
Marcela Calixto dos Santos
Mariana Rosa Silva
Marina Mendes da Costa

***ENTRE OS DESCOMPASSOS DA TEORIA, LEGALIDADE E
DAS PRÁTICAS***

Cultura escolar e suas definições

Cultura escolar

Dominique Julia

“Conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização)” (p. 10, 2001).

Cultura escolar

Dominique Julia

“Modos de pensar e de agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades, modos que concebem aquisição de conhecimentos e de habilidades senão por intermédio de processos formais de escolarização” (p. 11, 2001).

“É possível compreender também, quando isso é possível, as culturas infantis (no sentido antropológico do termo), que se desenvolvem nos pátios de recreio e o afastamento que apresentam em relação às culturas familiares” (p. 11, 2001).

Culturas escolares

António Viñao Frago

“A cultura escolar é vista como um conjunto de teorias, princípios ou critérios, normas e práticas consolidadas ao longo do tempo no seio das instituições educativas. [...] Modos de pensar e atuar que se constituem, sempre estruturados em forma de discursos e ações, que, junto com a experiência e formação do professor, servem-lhe para realizar sua tarefa diária.”(p. 169, 2001).

Culturas escolares

António Viñao Frago

“Uma visão mais ampla de cultura escolar faria a distinção entre a subcultura acadêmica e dos professores, e outras como a dos alunos – enquanto costumes e regras, como grupo social dentro e fora da instituição educativa – e a dos pais ou famílias com suas expectativas perante o sistema escolar.”

(p. 169, 1998).

Culturas escolares

António Viñao Frago

“a cultura escolar é toda a vida escolar: [...] neste conjunto há alguns aspectos que são mais relevantes que outros, no sentido que são elementos organizadores que a formam e definem” (VINÃO-FRAGO, 1995, p.69)

“Não existe, entretanto, uma só cultura escolar. Para ele (FRAGO) é preferível falar no plural, sobre **culturas escolares.**” (1996, p.23)

Cultura escolar (JULIA, 2001)	Culturas escolares (VIÑAO FRAGO, 1996; 1998)
Conjunto de práticas e normas que definem conhecimentos e condutas	Recobre as diferentes práticas instauradas no interior das escolas (de alunos a professores, de normas a teorias).
Duas culturas escolares (primária e secundária)	Pode haver uma única cultura escolar, pensando em todas as instituições educativas de um determinado lugar e período, mas para um estudo de perspectiva histórica, acredita ser mais produtivo pensar que há várias culturas escolares (cada instituição educativa teria uma cultura própria).

Cultura escolar (JULIA, 2001)	Culturas escolares (VIÑAO FRAGO, 1996; 1998)
Seria preciso deixar-se sensibilizar por pequenas mudanças	Identifica continuidades e persistências.
É preciso compreender as relações conflituosas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto de culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular.	
Ampliação das fontes	
Cultura escolar é inventiva	

Cultura escolar e suas definições

- **André Chervel** – “Capacidade da escola produzir uma cultura específica, singular e original” (2005, p.26)
- **Jean Claude Forquin** - Cultura escolar como uma cultura seletiva e derivada.
- **Augustín Escolano** – Culturas da escola (empírica, científica, política).
- **Guy Vicente** – Forma escolar.
- **David Tyack e Larry Cuban** – Gramática da escola.

Breve biografia - Dominique Julia

- Historiador francês;
- Professor acadêmico do Instituto Universitário Europeu de Florença (FRA);
- Diretor do Centro de Antropologia Religiosa Europeia (EHES);
- Especialidade: História da Religião e História da Educação durante o Antigo Regime.



Breve biografia - Viñao Frago

- Pesquisador da Universidade de Múrcia (ESP), catedrático de Teoria e História da Educação
- Diretor do Centro de Estudos sobre a Memória Educativa (Ceme) da Universidade de Murcia
- Doutor em Direito
- Presidente da Sociedade Espanhola de História da Educação (Sedhe) entre 2001 e 2005
- Campos de investigação: história da alfabetização; a leitura e a escrita como práticas sociais e culturais; a escolarização da profissão docente e do ensino médio; a história do currículo: espaços e tempos escolares; disciplinas, manuais ou livros de textos; e **a relação entre as culturas escolares e as reformas educativas.**



Culturas escolares e reformas

ENTRE A TRADIÇÃO E A MUDANÇA

Teoria, Legalidade e práticas

“El análisis de cualquier reforma educativa requiere distinguir três âmbitos el de la teoria o propuestas de los ‘expertos’, el de la legalidade em todas sus formas y manifestaciones y las prácticas. Teoria, legalidade y praticas no coinciden. Pero tampoco son compartilhamentos estancos o que difieran totalmente. Se determinan e influem entre si. Más aún, em cada uma de ellos pueden verse huellas de los otros dos”. (VIÑAO FRAGO, 1996, p.29)

LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015.

Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)

LIVRO I

CAPÍTULO IV

DO DIREITO À EDUCAÇÃO

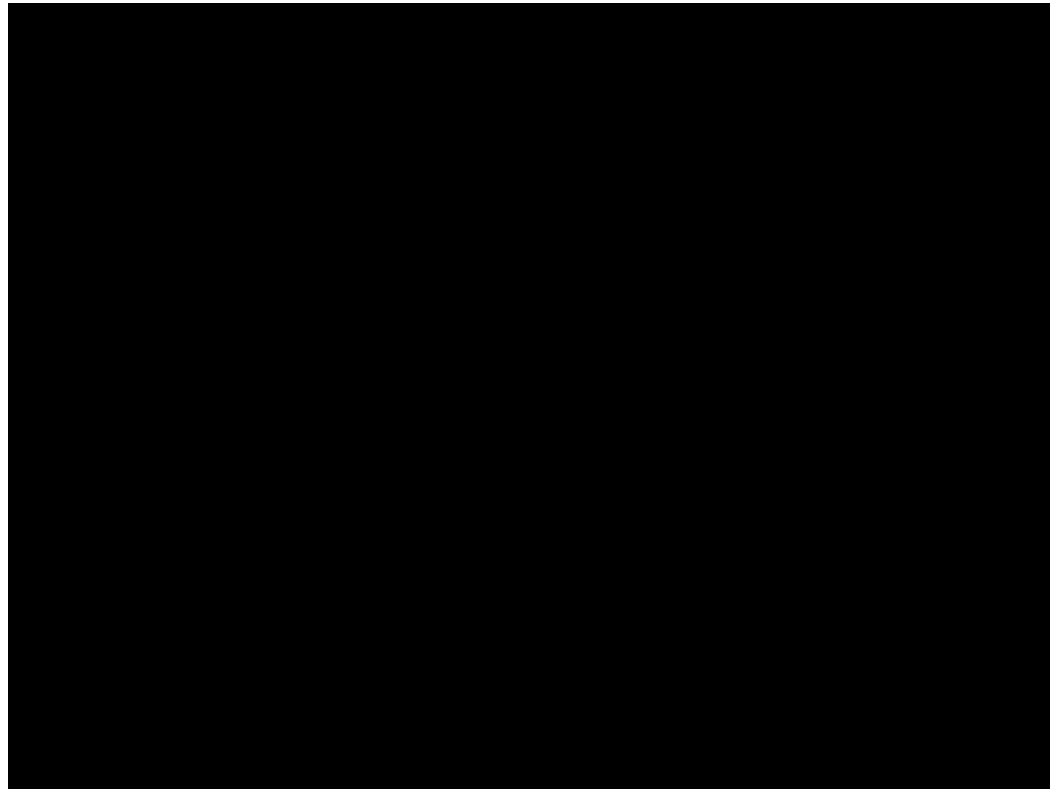
Art. 27. A **educação constitui direito da pessoa com deficiência**, assegurados **sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida**, de forma a **alcançar o máximo desenvolvimento possível** de seus **talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais**, segundo suas **características, interesses e necessidades de aprendizagem**.

Parágrafo único.

É **dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade** assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a **salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação**.

Para a reflexão e discussão nos grupos:

VÍDEO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO:



Relatos de experiências dos professores

“Na faculdade não tem nada que aborde inclusão, a não ser na teoria... Primeiro momento eu preparava atividade, e assim foi na tentativa e no erro, né... Foi experimental. Quando eu dava uma atividade e via que aluno estava muito aquém, eu ia balizando as atividades de acordo como eu ia testando... [...] até hoje é mais ou menos isso, você tem que conhecer o aluno para preparar uma atividade factível pro aluno. O problema é este: você tem oito alunos de inclusão, então são oito atividades diferentes para cada aula e não tem este tempo e além disso o aluno de inclusão precisa do professor do lado, não tem como você terceirizar este trabalho [...] tudo é experimental, eu acho, com aluno de inclusão. Eu não vejo aqui na prefeitura muito apoio, mesmo com o SAEE (Atendimento Educacional Especializado) e tudo” (*Professor 1*)

Relatos de experiências dos professores

“A maior dificuldade foi não saber como trabalhar com eles e não saber o que, que era o que cada um tem, porque varia muito de uma criança para outra, então a maior dificuldade fica em o que fazer, até onde ir e como fazer com cada um deles. Esta é a maior dificuldade. [...]. Inseriram mesmo, só jogaram. Não teve preparo dos professores pra tal... Nem dos professores, nem das escolas... Tanto de estrutura, tanto de material para adaptar...

Conversar com pais, correr atrás de cursos e informações sobre como proceder. E parte muito mais do professor do que secretaria de educação, do que gestão, foi mais a nível de professor procurando. [...] Foi o caminho que eu procurei, fazer psicopedagogia, curso de LIBRAS estes tipos de curso pra poder estar trabalhando com eles. [...]. No começo acho que foi jogado... Deixar os alunos lá para cumprir a lei. Hoje eu acho que tem uma preocupação, mas não em todos os lugares [...] esta caminhando-se ainda. É um processo lento [...] falta muito o acompanhamento de pessoas especializadas.” (*Professora 2*)

Debate

Por que é possível encontrar descompassos entre as reformas educacionais e as práticas do cotidiano escolar?

GRUPO 1

*Qual teoria/ ideologia apresentada na reforma:
quais mudanças sociais, econômicas e políticas essa
reforma objetiva atender?*

Reforma escolar: *disputas de intereses e ideologías*

“El paso de la teoría a la legalidad constituye, además, todo un proceso de negociación y toma de decisiones en el que intervienen grupos e intereses, ideologías, actitudes y opiniones.” (1996, p.22)

“La implantación rápida de un cambio o innovación suele tener lugar cuando las propuestas coinciden con los intereses corporativos” (1996, p.22)

GRUPO 3

Quais são as práticas que são esperadas da comunidade escolar (em especial dos professores) pelos reformadores?

Cultura escolar dos reformadores e gestores: *burocracia*

“La cultura escolar administrativa, la de quines gobiernan, gestionan y supervisan la educación, se apoya – em el sector y em publico y em provado – em normas, mandatos, instrucciones, sugerencias, propuestas u orientaciones más o menos prescritivas [...]” (p.24, 1996)

“Una concepción mecanicista de los directores y profesores” [...] (p.24, 1996)

“Una explicabe preferencia o atención por las atividades administrativas de los profesores” (p.24, 1996)

“ Una concepción monocrónica o técnico-racional de la distribución y usos del tempo escolar” [...] (p.24, 1996)

GRUPO 4

Quais são as mudanças concretas esperadas e produzidas pela reforma?

“Em toda refoma pueden apreciarse câmbios o innovaciones concretas, aceptas sin discusión ni resistências, de la difusion rápida tras su aprobación”
(1996, p.22)

GRUPO 5

Quais são os efeitos não previstos da reforma?

“ Toda reforma, cambio o innovación produce efectos no previstos, queridos o buscados. Unas veces dichos efectos constituyen auténticas innovaciones organizativas o curriculares que se consolidan a lo largo de un proceso más o menos dilatado. En otros casos, se trata de comportamientos o actitudes a veces incluso opuestas que se pretendían” (1996, p.22)

GRUPO 6

Quais são as diferenças apresentadas entre a teoria que embasa a reforma e a realidade escolar?

GRUPO 7

Quais são as táticas de apropriação ou resistências utilizadas pelos professores e o restante da comunidade escolar frente a reforma?

A cultura dos professores: práticas

“La cultura acadêmico-professoral es una combinación, como dije, de creencias y mentalidades, hábitos y practicas. Consiste em ‘formas de hacer las cosas assumidas por las comunidades de profesores que tienen que afrontar exigências y limitaciones similares em el trascurso de mucho anos’. (HARGREAVES, 1996, p.189-190 *apud* VIÑAO FRAGO, 1996, p. 26)

“Las estratégias facilitan em ocasiones la supervivência frente a la incertidumbre y la absidad que generan los câmbios, los sentimientos de culpabilidad que origina uma tarea siempre imperfecta o mejorable” (1996, p.26)

A cultura dos professores

- Tecnologias (p.26);
- Percepção do tempo escolar (p.26);
- Mudanças superficiais na prática (p.27).

Culturas escolares como temática de pesquisa

Atores: professores, alunos e família (1998, p. 170)

- Formação de professores;
- Seleção de professores;
- Carreira profissional;
- Relação destes três aspectos no processo de profissionalização docente e as disciplinas escolares em um período determinado.

Discursos: discursos que fundamentam as culturas escolares e suas crenças (1998, p. 171)

- Modos de comunicação, suas evoluções e causas de modificações culturais;
- *Exemplo*: procedimentos de passagem da cultura oral para cultura escrita na educação.

Instituição: tempos, espaço, disciplinas e práticas (1998, p.174)

A- Estudo de como o tempo, o espaço e os modos de comunicação afetam os atores (1998, p.174);

B- Estudo dos tempos escolares: tempo escolar como espaço e discurso (1998, p.176);

C- Estudo das disciplinas escolares (1998, p.178);

D- Estudo do núcleo de práticas que constituem a cultura escolar (1998, p.179).

Entre a mudança e a tradição

“Teoría, legalidade y prácticas no Suelen coincidir. Pero tampoco son compartimentos estacos o que difieran totalmente. Se determinan y influyen entre sí. Más aún, en cada uno de los três aspectos pueden verse huellas de los otros dos. Uma fuente de información, nos remite a otras. Las três perspectivas son el este caso necessárias porque de lo que se trata es de analizar su evolución y câmbios, sus influencias recíprocas. Sólo de este modo, podremos **captar las discuntinuidades y rupturas, las inercias y persistências.**

La historia de la cultura escolar así entendida, **la historia de la escuela como organización e institución, es una historia de ideas y hechos, de objetos y prácticas, de modo de decir, hacer y pensar, que há de recurrir, como toda historia, a la perspectiva del ojo móvil.**” (1998, p.181)

Outras fundamentações para pesquisa

- HARGREAVES, Andy. O tempo – qualidade ou quantidade? O pacto faustiano. In: _____. **Os professores em tempos de mudança**. Lisboa: Mc Graw – Hill, 1998, p. 105-130.
- HUBERMAN, Michael. O Ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António (org.). **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1992, p. 31-61.
- VINCENT, Guy, LAHIRE, Bernard, THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 33, jun./2001

Exemplários de pesquisas brasileiras:

- ALVES, Caio. **Táticas Docentes frente aos Efeitos do SARESP**. Guarulhos, Universidade Federal de São Paulo/ UNIFESP, mestrado, 2011.
- LUGLI, Rosario S. Genta. **O Trabalho Docente no Brasil: o discurso dos Centros Regionais de Pesquisa Educacional e das entidades representativas do magistério (1950-1971)**. São Paulo, Faculdade de Educação/ USP, doutorado, 2002.
- SILVA, Vivian Batista da. **Leituras para professores no espaço lusófono: processos de produção e circulação dos manuais pedagógicos no Brasil e em Portugal (1870-1971)**. São Paulo. Faculdade de Educação/ USP, doutorado, 2006.
- Pesquisas que serão estudadas nas próximas aulas sobre **espaço e tempo**.



ZAMBRANO, María. Delírio y destino: los veinte años de una española. Mondadori, Madrid, 1989.

“[...] atender a lo que cambia, ver el cambio y ver mientras nos movemos, es el comienzo de mirar de verdad; del mirar que es vida”